

## **PERSONAGENS**

RONNIE MONTILLA, *o gângster*

MABEL MARTIN, *a garota*

BOB O'CASEY, *o idealista*

SHIRLEY KOWALSKY, *a outra*

TONY CONCETTA, *o guarda-costas*

PRETA POBRE

SALLY, *a cantora cega*

APRESENTADOR, *interpretando de acordo com a rubrica.*

Antes do início do espetáculo, em voz off, um locutor típico de televisão anunciará:

*“Esse filme foi produzido originalmente em preto e branco. No ar, mais um campeão de audiência.”*

## **PRÊMIO LEITURA DO XII CONCURSO NACIONAL DE DRAMATURGIA DO INACEN-MEC (82)**

### **PRÓLOGO**

*A um canto do palco, uma mesa de acrílico, usada em programas de TV. Na frente da mesa, cobrindo as pernas de quem sentar, um cartaz: "SESSÃO VAGALUME". Sobre a mesa, um telefone branco. Entra o ator que faz RONNIE no filme, com uma garrafa de gin e um copo. Senta-se à mesa, se prepara, e a luz se acende. "Tara's Theme".*

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

APRESENTADOR – Boa noite telespectadores. Aqui estamos novamente para a nossa *Sessão Vagalume*, que traz para vocês entretenimento e um pouco de informação sobre a Sétima Arte. Como de costume, esse nosso bate-papo informal contará com a companhia do nosso patrocinador (*aponta a garrafa*), o Gin Capaldi, o drink que dedura sua personalidade.

**JINGLE DO PRODUTO:** “*Gin Capaldi, Gin Capaldi*

***Depois, qualquer outra bebida é fraude.*”**

Essa noite trazemos uma surpresa curiosa para vocês, um clássico de uma escola que apenas agora vem merecendo estudos mais aprofundados, o sad-movie, ou filme triste. Essa denominação foi dada a um gênero de filmografia que mistura os ingredientes do film-noir, do expressionismo alemão e do tear-jerker, ou seja, o filme lacrimogêneo. Menosprezados pelos seus colegas e pelos críticos americanos, os criadores dessa escola não foram compreendidos em sua época: alguns se suicidaram, outros se exilaram na Europa, e o diretor desse filme que veremos logo mais, mudou de nome e hoje é montador nos estúdios Walt Disney. Apenas recentemente se voltou a falar no sad-movie, quando Taer-Taer, o roteirista do filme afegão *Tacão de Ferro*, ganhador da Palma de Ouro do Festival de Cannes, revelou numa entrevista aos críticos franceses do Cahiers du Cinema que fez seu aprendizado de cinema assistindo a todos os sad-movies (cinco, na verdade) nas matinês de um cinema de subúrbio em Kabul. O nome do nosso filme triste de hoje é *I Hear America Singing*, em português *A Garota do Gângster*. Realizado em Chicago durante o tórrido verão de 47, e aproveitando os cenários de um malogrado musical num teatro periférico, o filme não agradou ao público e à crítica americanos pelo seu alto conteúdo crítico e por seus absurdos erros de continuidade. Além de encerrar a carreira de seu diretor e roteirista, Werner Huizinga, um dos muitos fugitivos do nazismo, aquele que mudou de nome como já dissemos, o filme se tornou maldito por causa de um escândalo que abalou a moralista América de então: Constance McNamara, esposa de Huizinga e atriz principal, envolveu-se emocionalmente com Spunky Darling, que interpreta a cantora cega. Ambas foram ostracizadas em Hollywood e se mudaram para Paris, onde se dedicam até hoje ao ocultismo e à moda prêt-à-porter. Bom, passaremos agora à exibição de A

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

*Garota do Gângster.* Como sempre, a cada intervalo, sortearemos um número de telefone, e se a pessoa que atender responder acertadamente às nossas perguntas ganhará uma dúzia de garrafas de Gin Capaldi, além de um bichinho de pelúcia. Bom divertimento.

*Enche um copo até à boda com o gin e bebe um gole. Música dramática de começo de filme de gangster e*

VOZ OFF – Paumanok Pictures apresenta Constance McNamara em *A Garota do Gângster*, dublado nos Estúdios Flor de Lácio, São Paulo.

### **CENA I**

*Telão com portas das casas de Mabel e Bob. Mabel e Ronnie estão na porta da casa dela, se amassando. Entra Bob, vestido de escoteiro e acende a luz de frente da sua casa. Mabel e Ronnie separam-se rapidamente. Mabel tira um espelhinho da bolsa e arruma o cabelo.*

BOB – Boa noite.

RONNIE – Bob O’Casey, isso são horas?

BOB – (*Rápido*) Eu vim direto da reunião pra casa. (*Retomando a dignidade*) Mas não se preocupem, já vou entrar.

MABEL – Já resolveram onde vai ser o acampamento de verão?

BOB – Já. No Lago Tahoe.

RONNIE – (*Azedo*) Que ótimo. Aquele lago não tem fundo.

BOB – E daí?

RONNIE – Vocês vão se afogar. A patrulha toda... E Chicago inteira vai parar por causa do monte de velhinhas paradas no meio-fio sem nenhum escoteiro que ajude elas atravessar a rua. (*Ri muito da piada que fez. Bob fica puto, faz menção de entrar*)

MABEL – O Ron não quis te magoar, Bob. É o jeito dele brincar.

BOB – Eu não gosto do jeito dele. Brincando ou sério.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

RONNIE – Não se pode esperar senso de humor de uma criatura de 17 anos que anda pelas ruas de calça curta e não se acha ridículo.

*Bob vai entrar de novo, surge Shirley gritando.*

SHIRLEY – Ronnie Montilla! Eu sabia que ia te achar aqui. *(Olha feio para Mabel)* A turma afanou uma caixa de cerveja. Nós vamos pra trás da *drugstore* ficar bêbados. Que tal?

RONNIE – Grande! Vamos lá, Mabel?

MABEL – Eu adoraria, mas ainda tenho de preparar as mamadeiras da minha irmãzinha, que minha mãe trabalha hoje no turno da noite. Quem sabe outro dia...

SHIRLEY – *(Irônica)* Ai que pena, Mabel. Nós vamos sentir tanto a sua falta!

RONNIE – Bom Mabel, então eu...

SHIRLEY – Vamos Ronnie, o pessoal já tão tudo lá.

*Ronnie beija Mabel e sai com Shirley.*

BOB – Você iria mesmo, Mabel?

MABEL – Claro que não, Bob, mas eu não quero passar por boba na frente da Shirley. E na verdade o que eu queria mesmo era conversar mais um pouco com você. Você anda tão diferente.

BOB – Pois eu acho que quem mudou foi você, Mabel.

MABEL – Pois é, mudei o penteado. Você gostou?

BOB – Não é o cabelo Mabel, é tudo. O jeito de falar, as pessoas com quem você anda...

MABEL – Eu ando com quem quer andar comigo. Hoje, por exemplo. O Ronnie me levou no cinema e me pagou um milk-shake.

BOB – E você troca sua dignidade por um cinema e um milk-shake?

MABEL – O que? Mas que dignidade? O que foi que eu fiz?

BOB – Pensa que eu não vi o jeito que vocês estavam na hora que eu cheguei?

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

MABEL – Puxa Bob, ele só tava me beijando.

BOB – Sempre começa com um beijo.

MABEL – Bob O’Casey, você está com ciúmes?!

BOB – Não Mabel, eu...

MABEL – Bob, se você me disser uma palavrinha, eu rifo o Ronnie agora mesmo. Você sabe de quem eu gosto de verdade. Por você Bob, eu... Olha, eu até entrava pro grupo de Bandeirantes, se bem que o uniforme seja horrível. (*Tenta abraçar Bob*)

BOB – (*Esquivando-se*) Não seja tão impulsiva. Você me conhece bem. Sabe que eu jamais comprometeria a reputação de uma moça... Quando eu for mais velho, tiver uma situação razoável e puder manter uma família, aí então vou pensar em namoro. Tudo no seu tempo.

MABEL – Quanto tempo, Bob?

BOB – Anos... Boa noite, Mabel.

MABEL – (*Sozinha para a porta fechada*) Eu espero, Bob, eu espero.

*Manhã seguinte. Bob sai de casa com livros e bate na porta de Mabel.*

BOB – Mabel, depressa, estamos atrasados. Você sabe que a Mrs. Smith não deixa entrar atrasado na aula de Física. (*Mabel sai e faz pose na porta*) Que demora! (*Vira e vai descendo a escada*)

MABEL – Olhe pra mim!

BOB – (*Contra a vontade*) Tô olhando.

MABEL – Não nota nada de diferente?

BOB – Não. Peraí. Nossa, o que você fez na boca? Parece que ela cresceu... Você levou um soco? Se foi o Ronnie, eu...

MABEL – É batom Bob, batom!

BOB – (*Estatelado*) Batom????????!!!!!!

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

MABEL – É. *(Folheia um dicionário que tira do meio dos livros)* Hum, tá aqui, ó: “Batom: palavra francesa com que se designa o lápis que as mulheres usam para tingir os lábios.”

BOB – Tá bom. Conseguiu me chocar. Agora limpa essa boca e vamos pra aula. *(Tira um lenço do bolso e o dá a Mabel)*

MABEL – *(Devolve o lenço)* Não vou limpar nada. Economizei meses pra comprar. Comprei, passei, gostei, estou linda e pronto.

BOB – *(Empurra o lenço de volta)* Comigo você não vai. Não vou andar por aí ao lado de uma menina de 15 anos pintada como uma dançarina de cabaré de terceira categoria.

MABEL – *(Pega o lenço e o enrola, nervosa)* Bob, o batom é rosa-bebê.

BOB – Comigo **não**.

*Tira o lenço da mão dela e torna a dobrá-lo cuidadosamente. Vai devolver o lenço a Mabel quando entra Shirley.*

SHIRLEY – Gente, depressa. O Ronnie tá na delegacia!

MABEL e BOB – Como? O que? por quê?

SHIRLEY – *(Sem fôlego)* O dono da *drugstore* deu parte da gente por causa de caixa de cerveja. Veio a polícia e o Ronnie fez ligação direta num carro pra gente fugir. A polícia foi atrás. O carro bateu. O Ronnie desmaiou e a gente correu sem ver que ele tinha ficado pra trás. Agora ele tá lá preso e tão falando que ele vai pro reformatório. Como eu tô muito enrolada, vim pedir pra vocês irem lá. Depressa!

BOB – Quem tem que ir lá é o pai dele.

SHIRLEY – O pai dele tá bêbado faz três dias.

BOB – E a mãe?

SHIRLEY – Quem é que sabe da mãe dele?

MABEL – Bob, chega de tanta pergunta. Vamos lá ver o que a gente pode fazer.

BOB – Eu sei que não posso fazer nada... Ele se meteu na confusão, ele que saia.

SHIRLEY – Vocês vão ficar discutindo?

MABEL – Não. Espere aí Shirley. Eu vou lá ver. Venha, Bob!

BOB – Não. Não é só pela aula, eu tenho também uma entrevista com o homem da universidade pra conseguir uma bolsa. Não é problema meu. Você vem, Mabel?

MABEL – Eu vou ver o Ronnie.

BOB – Então tire o batom, senão eles te prendem também.

SHIRLEY- Vá à merda, Bob. (*Saem todos*)

*Tarde do mesmo dia. Mabel entra de um lado e Bob do outro. Sentam na escadinha da casa de Mabel.*

MABEL – Incrível.

BOB – Incrível1.

MABEL – Meu Deus, só 17 anos.

BOB – Pois é.

MABEL – Eles decidiram tão depressa.

BOB – Eles conhecem muito bem as pessoas.

MABEL – Também, severos do jeito que eles são.

BOB – Tem que ser mesmo.

MABEL – Isso marca uma pessoa pro resto da vida.

BOB – Se marca. Quando acaba tudo, a gente é outra pessoa. Entra um menino e sai um homem.

MABEL – Irreconhecível.

BOB – Sabe Mabel, a vida é feita de lutas.

MABEL – É, umas a gente ganha, outras perde.

BOB – É dessas coisas que a gente pensa que nunca vão acontecer com a gente.

MABEL – Deve dar uma saudade ficar longe de tudo o que a gente tá acostumado.

BOB – Mas vale a pena.

MABEL – (*Chocada*) Vale a pena, Bob? Um ano inteiro preso?

BOB – Um não. Quatro.

MABEL – (*Desata a chorar*) Quatro? Mas eu pensei que fosse só até ficar maior de idade!

BOB – Não, é até tirar o diploma.

MABEL – Que diploma?

BOB – Da universidade.

MABEL – Que universidade?

BOB – Da minha, Mabel!

MABEL – Você vai pra universidade?

BOB – Não era disso que você tava falando?

MABEL – Eu tava falando do Ronnie.

BOB – O Ronnie vai pra universidade?

MABEL – O Ronnie vai pro reformatório Bob. Um ano!

BOB – Jesus Cristo!

MABEL – Você não sabia?

BOB – Não.

MABEL – Então do que você tava falando?

BOB – Eu ganhei a bolsa Mabel. Quatro anos em Maryland!

MABEL – Bob!

BOB – Você não fica feliz?

MABEL – Eu ficaria Bob, mas são duas notícias tão contraditórias... pensar que no mesmo dia as portas se abriram para você e se fecharam para o Ronnie.

BOB – E você acha que podia ser diferente?



MABEL – O Ronnie não é tão mau assim. Com alguém decente do lado dele... Não a Shirley, entende, mas... digamos... eu...

BOB – Isso é você quem decide Mabel.

MABEL – Eu?

BOB – Você mesma. Pretende ficar aí, chorando pelo Ronnie, ou...

MABEL – Ou o que?

BOB – Ou torcer por mim! Mabel, talvez eu esteja me precipitando, mas agora que tenho uma certa segurança, esperança pro futuro, gostaria de lhe pedir, pedir que... nem sei, Mabel, que você me esperasse. Andei pensando e acho que gosto mesmo de você. Se você tivesse paciência...

MABEL – Mas, Bob, seria desleal. Você sabe o que eu sinto por você, mas abandonar o Ronnie agora, que ele precisa de mim...

BOB – O Ronnie não precisa de ninguém. Ele usa as pessoas. Acredite em mim, Mabel. Ele namorava você e a Shirley ao mesmo tempo. Ele não presta.

MABEL – Se ele tivesse uma oportunidade...

*Entra Shirley.*

SHIRLEY – Vocês viram? O Ronnie vai pro reformatório.

MABEL – E o Bob vai pra universidade.

SHIRLEY – Ótimo. Empataram.

BOB – (*Ofendido*) Como, empataram?

SHIRLEY – Nos dois lugares o que mais se faz, queridinho, é fumar maconha.

MABEL – (*Censurando*) Shirley!

SHIRLEY – (*Tirando um recorte de jornal do bolso*) Mas você saiu no jornal, gatinho?

MABEL – No jornal? Deixa ver. (*Vai até Shirley tentando pegar o recorte*)

SHIRLEY – (*Afasta Mabel e lê alto.*) “Foi enviado hoje para a Casa de Correção Lucky Luciano, o menor R.M., conhecido na zona leste de Chicago como desordeiro e

responsável por pequenos furtos. O menor causou sensação na sala do tribunal ao se dirigir ao juiz com palavras de baixo calão. Inquirido pelo nosso repórter, R. M. afirmou que não se arrepende de nada e que a cidade ainda ouvirá falar dele.” (*Sonhadora*)  
Que homem!

BOB – E então, Mabel? Você ainda tem dúvidas?

MABEL – Você volta, Bob?

BOB – Volto. Todas as férias. E você pode começar a pensar no vestido de casamento.

MABEL – Bob, eu... espero. Eu espero.

*Os dois se beijam.*

SHIRLEY – (*Namorando o recorte, para si própria*) “R.M. afirmou que não se arrepende de nada e que a cidade ainda ouvirá falar dele.” Chicago Daily News, 30 de junho de 1930.

*Luz desce em resistência.*

## **CENA II**

*Sala de entrada de um hospital. Mabel está na mesa de recepção, vestida de enfermeira, classificando fichas. Um telefone que toca. Mabel atende.*

MABEL – Hospital Geral, Mabel Martin falando, bom dia. Quem? Oh, sim, diga, Shirley. (*Tempo*) Não, Shirley, na verdade tem muito tempo que eu não sei dele. (*Tempo*) Isso foi antes dele ir pro reformatório, Shirley! Eu praticamente não vejo o Ronnie desde que fiquei firme com o Bob. (*Tempo*) Outra vez? Eu não sabia. (*Tempo*) Sim, ele me procurou, mas você sabe, comprometida com o Bob eu tinha medo... (*Tempo*) Acho que não, Shirley, não mesmo. (*Tempo*) Bom, se é tão importante pra você, mas não espere. Se eu souber de alguma coisa eu ligo. Sim, sim. (*Desliga. Entra Bob*) Hoje é o dia das surpresas! Como vai, querido? Pensei que não fosse te ver até o verão.

BOB – Aconteceram coisas muito importantes, Mabel.

MABEL – Pra você?

BOB – Pra você também, pro país, pro mundo, Mabel.

MABEL – (*Começando a se preocupar*) Ai, lá vem você com o mundo outra vez.

BOB – Mabel, eu vim ter uma conversa muito séria com você.

MABEL – Tá... tá bem, eu saio às oito, jantamos juntos e você me conta.

BOB – Não dá tempo, Mabel.

MABEL – Nossa, que ansiedade! Não me diga que você resolveu casar antes de terminar a faculdade! Puxa Bob, isso é surpresa mesmo, você não aguentar esperar!

BOB – Não Mabel, não é isso, antes pelo contrário.

MABEL – (*Preocupadíssima*) Olha Bob, seja lá o que for vai ter de esperar até às oito, eu estou trabalhando.

BOB – Às oito eu já estarei a caminho.

MABEL – A caminho? De onde?

BOB – Do Tennessee!

*Toca o telefone.*

MABEL – Hospital Geral, Mabel Martin falando, bom dia. (*Tempo*) Oh, você... Mesmo? Escute, Shirley, eu tô aqui com um problema seriíssimo e... (*Tempo*) Não sei, NÃO SEI. E não use esse tipo de linguagem. (*Bate o telefone*) Seria muita curiosidade minha querer saber o que você vai fazer no Tennessee?

BOB – Eu entrei pro CCC.

MABEL – (*Sem nenhuma expressão*) Ah.

BOB – Você compreende?

MABEL – Nada. Eu pensei que você estivesse estudando pra ter uma posição e casar comigo e de repente você vem e diz que entrou pro CCC, que eu não sei o que, e que vai pro Tennessee, que eu não sei onde é.

BOB – Existem outras coisas no mundo além de nós dois, Mabel.

MABEL – Sim, e você quer fazer todas antes do nosso casamento.

BOB – O que eu quero é que a gente viva num mundo melhor, só isso... Pra quem você votou pra presidente?

MABEL – Pro Roosevelt, como você mandou.

BOB – Pois é, e você não está orgulhosa da sua decisão?

MABEL – Deveria estar? E afinal de contas, a decisão foi sua.

BOB – Sim, mas enfim, quando a gente vota prum presidente isto quer dizer que a gente vai apoiar o que ele fizer.

MABEL – Nem sempre... Foi ele que fez o CCC?

BOB – Entre outras coisas. O CCC é só um programa no meio de outros do New Deal. Um dos melhores, aliás.

MABEL – Dá pra explicar o que é, ou o país vai entrar em colapso se você demorar mais?

BOB – Sim. Claro. O CCC é a sigla do Corpo de Conservação Civil. Esse programa contrata jovens de famílias carentes e os bota pra trabalhar sob supervisão do exército numa variedade de tarefas essenciais à conservação dos recursos naturais da nação: reflorestamento, conservação do solo, controle de enchentes. Os jovens recebem casa e comida e mais 30 dólares por mês, 25 dos quais são mandados para os pais.

MABEL – E no que isso atinge você, que não é do exército nem necessitado, já que é universitário e bolsista?

BOB – Existe uma coisa que se chama compromisso, Mabel.

MABEL – É justamente nisso que eu estava pensando.

BOB – Eu falo de um compromisso maior, eu falo de criarmos um mundo melhor para nossos filhos.

MABEL – No passo em que vai, não sei se você deveria se preocupar com filhos.

BOB – Mas eu me preocupo. E me preocupo com você também. Apoiando o Roosevelt, ajudando a tocar pra frente o que ele começou, eu sinto que posso melhorar a América, e com isso a nossa vida.

*Toca o telefone.*

MABEL – Hospital Geral, Mabel... Não, Shirley, o que é agora? O que? Pra cá? Ei, não, espere um pouco, ei... *(Desliga)* Já que você quer melhorar o mundo, tá aí uma oportunidade, ajuda teu próximo. O Ronnie tá vindo aí, fugindo da cadeia.

BOB – Mas ele não tinha saído?

MABEL – Saiu e entrou outra vez, e agora fugiu. E vem vindo pra cá.

BOB – Fazer o que?

MABEL – Ele tá ferido, Bob.

BOB – Telefone pra polícia, então.

MABEL – Bob, ladrões vão pra polícia, feridos pro hospital. Aqui é um hospital, portanto...

BOB – Ele tá ferido porque fugiu da cadeia.

MABEL – E eu sou enfermeira porque você me convenceu que era uma carreira humanitária. Se eu fosse secretária, como eu queria...

BOB – *(Olha o relógio)* Tá quase na hora, Mabel, eu preciso ir ao Tennessee. Tem um trabalho enorme pra fazer lá, e a minha experiência vai ajudar.

MABEL – E a faculdade?

BOB – Eu volto pra faculdade mais tarde. Tem tempo. *(Abraça e beija Mabel)* Me espere, meu amor. Nós somos tão jovens ainda...

MABEL – Bob, vai demorar muito?

BOB – Não sei. Dois, três anos... O tempo que eu puder ser útil. Você me espera, Mabel?

MABEL – Espero, Bob, espero.

*Bob sai e Mabel fica olhando o vazio. Entra Ronnie amparado por Shirley. Ele está com a mão no peito e cambaleia.*

MABEL – Ah, vocês estão aí.

SHIRLEY – Depressa, Mabel, ele tá perdendo muito sangue.

MABEL – Entrem ali no ambulatório. Não deixem ninguém ver vocês. Eu já vou. *(Os dois saem, Mabel fala ao telefone.)* Alô Beth? Dá pra você me substituir aqui na portaria enquanto eu vou ao *toilllete*? Tá, obrigada, eu espero. *(Tira um estojo de pó de arroz da gaveta e retoca a maquilage)*

RONNIE – *(Botando a cara pela porta do ambulatório)* Você está cada vez mais bonita, Mabel.

MABEL – Chiu. Fique aí e deite. Preciso esperar a moça descer. *(Pega fichas)* Que dia é hoje?

SHIRLEY – *(Botando a cabeça pela porta)* 25 de maio de 1934... Mabel, não dá pra esperar muito, viu?

MABEL – Ah, mas eu espero. Eu espero.

### **CENA III**

*Escuro. Som alegre de música dançante. Luz no telão. Mabel e Bob saem pela porta da casa dela, vestidos de festa, flores na lapela. Mabel traz uma taça, Bob uma garrafa de champanhe. Sentam na escadinha. Mabel contempla um anel na mão direita.*

MABEL – Incrível. Fantástico. Extraordinário. Olha como brilha, Bob!

BOB – Fantástico. Trinta pessoas na festa e nenhuma está desempregada.

MABEL – Mas ninguém está bem empregado que nem você. Estagiário do Webster & Sons Advogados, e você mal completou o curso! E pensar que daqui a três meses serei a sra. O'Casey!

BOB – Graças ao New Deal. Roosevelt cumprirá o mandato do povo e a América irá ao encontro do seu grande destino.

MABEL – Grande destino. Uma casa na Lake Shore Drive, duas crianças lindas, Rotary Club, carro do ano, férias em Atlantic City, temporada teatral em New York, vestidos da 7ª Avenida.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

BOB – Casas populares. Mais escolas. Sindicatos fortes. Empregos para todos. Financiamento para as artes. Investimentos na indústria de modas.

MABEL – Minha mãe sempre diz que uma moça não precisa mais se preocupar quando encontra e segura o homem certo. E eu encontrei.

BOB – Você vê Mabel? A América dá oportunidade a todos. É só aproveitar.

*Os dois se calam, sonhando. Entra Ronnie. Bem vestido, mas desalinhado, bêbado, carregando uma garrafa de bourbon.*

RONNIE – Estou atrasado? Fiquei até agora esperando o carteiro me trazer o convite, mas ele demorou tanto que resolvi vir assim mesmo, à la Romeu.

BOB – Não se pode dizer que tenha sido uma ideia feliz.

MABEL – *(Embaraçada, tom de desculpas)* Não consegui descobrir seu endereço, Ronnie. Você quer entrar e tomar uma taça de champanhe com a gente?

RONNIE – Não, obrigado, eu trouxe minha bebida. *(Enche a taça de Mabel)* Um brinde ao seu noivado, Mabel querida. Tchim-tchim. *(Bebe da garrafa)*

BOB – Não tem ninguém atrás de você dessa vez?

RONNIE – Só a Shirley, mas acho que despistei ela no terceiro bar. Êta mulherzinha pra aguentar bebida!

BOB – Bom, agora que você já brindou, nós vamos entrar. Passe bem, Ronnie.

RONNIE – Mas entrar com uma noite tão linda. aqui fora? Além disso, eu ainda nem beijei noiva. *(Tenta agarrar Mabel que foge)*

BOB – Ronnie, você tá bêbado.

RONNIE – Engano. Eu não tô bêbado. Eu sou bêbado. Venha, Mabel, tô te dando uma oportunidade, você ainda pode mudar de ideia.

BOB – Ronnie, vá embora, eu não bato em bêbados.

RONNIE – E o que você faz com bêbados? Come o cu?

MABEL – *(Entre chocada e divertida)* Ronnie!

BOB – Chega de discussão. (*Enfrenta Ronnie*) Você tá molestando Mabel. Vá embora antes que eu perca a paciência.

RONNIE – Bob Carola perdendo a paciência? Agora eu fico só pra ver.

*Se atacam. Mabel pega a garrafa de Bob e tenta acertar Ronnie, mas erra e atinge Bob que cai.*

MABEL – Bob, Bob, me desculpe. Pobre de mim, o que eu fui fazer?

*Irrrompe Shirley com uma garrafa de gin na mão.*

SHIRLEY – Mas o que é isso? Um exercício de política da boa vizinhança?

RONNIE – Como você chegou aqui?

SHIRLEY – Seguindo teu bafo. (*Olha feio para Mabel*) Ora, Ronnie, não é muito difícil adivinhar onde você vai quando fica bêbado.

MABEL – (*Ajoelhada ao lado de Bob*) Acho que ele desmaiou.

SHIRLEY – (*Despejando sua garrafa na cabeça de Bob*) Levanta, defende tua dama, que ela está sozinha e em péssima companhia.

MABEL – Foi uma festa tão bonita até vocês chegarem!

*Ronnie consegue agarrar Mabel, deita-a sobre o joelho e a beija latinamente. Bob levanta e vai separar os dois. Shirley pega a garrafa de Bob e bate na cabeça dele. Bob torna a cair. Mabel se desvencilha e de novo acode Bob. Shirley segura Ronnie.*

SHIRLEY – Ronnie, vambora. Você não vai desistir nunca dessa biscatinha? Você não vê que ela só dá pra você quando o Bob viaja? Vem comigo, Ronnie, só eu vou conseguir acompanhar você. Nós somos de outra raça, nós somos os fortes, nós andamos nos nossos próprios pés, sem essas estórias da carochinha de democracia e sonho americano. Essa borra-bosta vai te encher o saco o tempo todo pra comprar uma casinha no subúrbio e plantar tulipas na janela. Comigo do teu lado você vai longe homem, lá pro alto que é o teu lugar. Você pode ser o dono da cidade, Ronnie, e eu te ajudo a chegar lá porque sou eu que te amo, Ronnie, eu!

*Bob consegue se levantar, desperto pelo discurso.*



BOB – Mabel, então você tem visto o Ronnie esse tempo todo?

MABEL – Não, Bob.

RONNIE – Conta, Mabel, conta.

MABEL – Bob, duas ou três vezes, não mais. Mas porque você estava longe, eu me sentia só, só por isso. Não aconteceu nada entre a gente, eu juro, Bob.

SHIRLEY – Casa logo com ela Bob, ou ela arrasta o teu nome na lama.

*Bob entra na casa de Mabel, ela atrás.*

MABEL – Bob, Bob, eu posso explicar!

*Shirley e Ronnie sentam na escadinha.*

SHIRLEY – Puta, estraguei tudo!

RONNIE – (*Derrotado*) Que nada Shirley, a Mabel dobra ele.

*Bob sai da casa, passa entre Ronnie e Shirley. Mabel na cola. Bob entra em sua casa. Mabel atrás.*

SHIRLEY – Agitamos a festa, Ronnie.

*Ronnie bebe da garrafa. Bob sai com uma mala. Mabel atrás.*

MABEL – Você vai pensar melhor e vai mudar de ideia... E quando você mudar eu vou estar aqui, esperando, viu, Bob?

*Para na ponta do palco, conserta a maquilage e o cabelo com as mãos, funga, volta e entra em casa, passando entre Ronnie e Shirley e ignorando-os.*

SHIRLEY – (*Pega a garrafa de champanhe de Bob, bebe um gole e cospe*) Êpa, isso não é o meu gin. (*Olha o rótulo*) Champanhe, uau. Hum, safra 1936. Olháí, Ronnie, do ano passado. Micho, né? (*Dirigindo-se à porta*) Mabel, pode escrever o que eu digo, esse homem volta. Vocês foram feitos um para o outro. Atesto e assino embaixo:

Shirley Kowalsky, 4 de julho de 1937.

**BLACK-OUT**

### **INTERVALO SESSÃO VAGALUME**

*Ator sai de cena e vem até à mesa, meio cambaleando.*

APRESENTADOR – E aqui vamos nós, para o primeiro telefonema, sempre com o patrocínio do Gin Capaldi, o drink que dedura sua personalidade. (*Disca*) Um toque, dois toques... lembrem-se que ao quinto toque desligamos o telefone. Ah, atenderam. Boa noite, aqui é da *Sessão Vagalume*, e só por ter atendido o senhor já ganhou um bichinho de pelúcia. O senhor está assistindo ao nosso canal? Ah, ótimo. Primeira pergunta: O senhor acha que esse filme se insere, de alguma forma, em nossa realidade? (*Tempo*) Ah, sim, claro, no eixo Rio-São Paulo, porque o Nordeste é um outro Brasil. Sim, mais São Paulo porque Chicago não tem praia. (*Tempo*) Em 37? Getúlio Vargas, acho, por que? Depressão? Realmente, o Brasil nessa época queimava café. (*Tempo*) Não sei responder, meu senhor, eu só pergunto. Isso aqui é uma sessão de cinema, não o Telecurso. (*Tempo*) Ah, é isso, se insere no problema do alcoolismo. O Brasil também é um grande consumidor de bebidas destiladas. O senhor tem meia resposta certa. Mais dez segundos para a resposta completa. O outro problema comum, na época era o tabu da... (*Tempo*) virgindade! Muito bem! Aguarde na linha que continuaremos nossa conversa. Assistam a segunda parte de *A Garota do Gângster*.

*Enche o copo e bebe. Jingle, prefixo da emissora e o filme continua.*

### **CENA IV**

*Palco limpo. Uma toalha no chão, coisas de piquenique, uma cestinha. Bob e Mabel estão sentados, ela encostada nele. Fundo musical: "I'm Getting Sentimental Over You". A música vem do rádio de um carro em algum lugar fora de cena.*

MABEL – Que paz, não Bob?

BOB- Meu único desejo agora é por mais um pedaço de torta de amora.

*Mabel pega a torta.*

MABEL – O que eu sonhei com esse momento! Estar perto de você, te dar um pedaço de torta.

BOB – Foi até bom eu ficar esse tempo longe.

MABEL – Não diga isso. Foi tempo demais. Que medo eu tive que você ficasse doente, que morresse, nem sei...

BOB – Não havia perigo, eu me cuidei bem, fervia minha água, lavava as frutas. E nunca andei descalço.

MABEL – Tão boa essa brisa.

BOB – Disso que eu sentia falta lá no México. É tão quente.

MABEL – E tão longe. Quando recebi sua primeira carta, não acreditei.

BOB – Nem eu acreditei quando me vi lá embaixo, sem noiva, no meio de um povo estranho, falando uma língua estranha. Mas valeu a pena Mabel. Amadureci, aprendi muito.

MABEL – Você está falando bem o espanhol?

BOB – Si, señora O’Casey. Não me perco mais e converso com os Nativos, seja em Guadalajara, Buenos Aires ou Rio de Janeiro. Mas não foi só isso. Aquele povo de lá me ensinou muito sobre nós.

MABEL – O que pode haver de comum entre aquele bando horroroso de chicanos maltrapilhos e a gente?

BOB – A pobreza, Mabel. Aquela gente viveu sempre como nós logo depois da Depressão. Eu vi, trabalhando no Serviço de Imigração da Fronteira, que nem sempre as pessoas são responsáveis pelo que são. Veja o Ronnie, por exemplo...

MABEL – Nós combinamos que não tocaríamos mais nesse nome.

BOB – Não estou falando dele especificamente, mas de gente como ele e a Shirley.

MABEL – Bob, pra que remexer no passado?

BOB – Você vê, o fato deles terem inventado aquelas mentiras infamantes a seu respeito tem muito a ver com a forma como foram criados, sem oportunidades, sem perspectiva de futuro.

MABEL – Eu já acho que eles não prestam mesmo.

BOB – Sim, mas essas pessoas não sabem disso. Não tem chance de se verem como uma parte da humanidade, com responsabilidades. Estão preocupados demais com a própria sobrevivência.

MABEL – Mas o importante é que nós superamos tudo e estamos aqui, juntos.

BOB – E você usou meu anel esse tempo todo?

MABEL – Ó. *(Mostra o anel)*

BOB – Agora Mabel, a gente casa mesmo.

MABEL – Acho bom. Todas as minhas amigas já casaram. Lá no hospital esse meu noivado já virou piada.

BOB – A Shirley ainda não casou, casou?

MABEL – A Shirley não é do tipo de moça que casa.

BOB – Você está feliz?

MABEL – Oh, Bobbie.

BOB – Foi mais fácil do que eu esperava, conseguir meu emprego de volta.

MABEL – Oh, Bobbie.

BOB – Depois, uma casinha num subúrbio calmo, cheio de árvores. Crianças correndo.

MABEL – Oh, Bobbie.

BOB – Ah, Mabel, minha Mabel, seria preciso que caísse o mundo pra me afastar de você agora.

MABEL – Oh, Bobbie.

*Música para voz de locutor de rádio.*

LOCUTOR – Atenção, atenção, interrompemos nossa audição de Música para Enamorados para informar em edição extraordinária: as tropas de Hitler acabam de invadir a Polônia. Senhoras e senhores, isso é o começo da Guerra na Europa. O mundo livre está abalado no seu mais tradicional alicerce. Esta data acaba de entrar para a História: 1º de setembro de 1939.

BOB – Mabel.

MABEL – Bob?

BOB – Vamos.

MABEL – Onde?

BOB – À luta!

MABEL – Mas que luta? Essa guerra é lá na Europa, e os Estados Unidos são neutros.

BOB – Os Estados Unidos são uma nação. Eu, como indivíduo, julgo meu dever lutar pela democracia ameaçada. Vou me alistar como voluntário.

MABEL – Oh, Bobbie.

BOB – Venha Mabel, não há tempo a perder.

*Mabel começa a juntar as coisas.*

MABEL – Mas hoje é feriado, dia do trabalho, você não vai conseguir nada.

BOB – (*Saindo de cena*) Pelo menos consigo uma passagem para New York. De lá posso ir à Londres, ou ao Canadá. A Inglaterra deve declarar guerra hoje, ou amanhã. Fico no exército inglês até os nossos entrarem. Venha, Mabel.

MABEL – E eu?

BOB – Você vem comigo.

MABEL – Pra Inglaterra?

BOB – Não, pra casa. Se depender de nós, essa guerra acaba logo e eu voltarei.

MABEL – *(Desolada, com o cesto de piquenique na mão)* E eu espero.

## **BLACK- OUT**

### **CENA V**

*Luz. Fábrica de armamentos. Mabel e Shirley estão rodeadas de caixas, embalando armas. Trabalham em silêncio algum tempo.*

SHIRLEY – Você tem que nos ajudar.

MABEL – Não.

SHIRLEY – Esse assalto vai tirar todo mundo da merda.

MABEL – Eu não me meto nos seus negocinhos escusos.

SHIRLEY – Isso não comprometeria você.

MABEL – Não, Shirley.

SHIRLEY – Mabel, essas armas estão indo pra Europa matar as pessoas. Nós só precisamos delas pra assustar um pouquinho.

MABEL – Eu trabalho num esforço de guerra, não pra facilitar a vida de marginais.

SHIRLEY – Mabel, o que eu tô te pedindo é só pra você “esquecer” de rotular duas caixinhas. Pronto. Faça isso, você recebe uma graninha extra e não se fala mais no assunto.

MABEL – Shirley, será possível que você não entenda que nós somos diferentes?

SHIRLEY – Não tem nada que eu entenda melhor. Mas mesmo sendo tão diferente de mim, eu não esperava que você fosse tão burra.

MABEL – Por que você mesma não pega as caixas?

SHIRLEY – Não me deixam entrar no depósito. Eu não sou funcionária de confiança.

MABEL – Quem mandou faltar tanto? Só na semana passada você faltou três dias.

SHIRLEY – Eu fiz um aborto.

MABEL – Shirley!

SHIRLEY – Não se preocupe, não era do Ronnie.

MABEL – Isso não me preocupa a mínima.

SHIRLEY – Mabel, pegue as caixas.

MABEL – Você não entende, pode faltar uma arma que salve a vida do Bob porque eu desviei as caixas.

SHIRLEY – Bobagem. Aliás, ele já deve estar morto. Que outro motivo haveria pra ele ficar tanto tempo sem te escrever? Porque faz um puta tempo, não faz?

MABEL – Que coisa horrorosa pra se dizer!

SHIRLEY – Eu tava brincando. Afinal, talvez nem mesmo o Santo Bob Carola tenha resistido às putas italianas.

MABEL – Que cabeça suja você tem, Shirley! Por que é que você não fica quieta?

SHIRLEY – Se você desviar as caixas eu prometo que calo minha boca até o fim da guerra.

*Entra Ronnie, todo vestido de gangster, charuto na boca.*

RONNIE – Oi, belezocas.

MABEL – Apague esse charuto, isso aqui tá cheio de pólvora!

RONNIE – Mesmo apagando o charuto, meu ardor por você poderia explodir essa birosca inteira!

SHIRLEY – Eu te falei que não precisava vir, que eu convencia a Mabel. Essa mulher parece que tem visgo, caralho. Se insinua em tudo. E por falar em insinuar, como você conseguiu entrar?

RONNIE – O da segurança me deve uma grana. Ele adora cavalos.

SHIRLEY – (*Volta o velho encanto*) Você pode tudo, mesmo!

RONNIE – Mabel, é incrível como você consegue ficar atraente mesmo com essa roupa. Sem ela, você mudou muito?

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

MABEL – Tô vendo que você não mudou nada. Seu cafajeste, tá sempre nos lugares errados, dizendo as coisas erradas.

RONNIE – Então vou dizer as certas. Você vai desviar as armas pra gente?

MABEL – Não. E não adianta insistir. Até agora eu achei que vocês fossem só descabeçados. Mas não, vocês viraram bandidos mesmo. É um desaforo, Ronnie, que um rapaz forte como você não esteja além-mar, lutando contra os nazistas.

RONNIE – O Bob é idealista por todos nós, pecadores. E aí, Mabel, você ainda tá esperando por ele? Você vai acabar batendo o recorde da Penélope.

MABEL – Que Penélope, que nada. O Bob é fiel a mim, viu? Estamos noivos! (*Mostra o anel*) E assim que acabar a guerra, assim que ele ganhar a guerra, nós vamos casar.

RONNIE – Então não quer reforçar o armamento doméstico? Desvia as caixas pra gente, noivinha, quebra esse galho!

*Entra Estafeta.*

ESTAFETA – Telegrama pra Srta. Martin, telegrama pra Srta. Martin.

MABEL – Sou eu. Eu assino. (*Pega o telegrama. O Estafeta sai*) Do Ministério da Guerra. Será que o Bob ganhou uma medalha?

*Abre o telegrama, lê e desmaia nos braços de Ronnie. Deixa cair o telegrama, que Shirley apanha e lê.*

SHIRLEY – “O Ministério da Guerra tem o doloroso dever de informar que o Sargento Robert Washington O’Casey, do Corpo de Voluntários 0001, de número 007, foi dado como desaparecido durante o ataque japonês à base de Pearl Harbor, no Havaí, a 7 de dezembro de 1941, próximo passado.

### **FIM DO PRIMEIRO ATO**

### **INTERVALO**



## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

*Volta o ator, vestido de gangster bem-sucedido, muito mais bêbado.*

APRESENTADOR – Outro intervalo, mais uma chance de vocês ficarem numa boa com o fabuloso Gin Capaldi, o dedo-duro que bebe a sua personalidade, ou o drink que dedura a sua fraude, ou melhor, enfim, vamos fazer logo essa porra dessa ligação. (Disca.) Alô, boa noite, aqui é da *Sessão Vagalume*. O que? Pilantra? Minha senhora, o que é isso? Seu marido coisa nenhuma, aqui é da televisão. A senhora já ganhou um bichinho de pelúcia. (Tempo) Sei lá, acho que é um macaquinho. Pequinhês não sei se tem, ora, isso a senhora vê depois. A senhora, por um acaso, está assistindo *A Garota do Gângster*? Está? Que ótimo! (Tempo) Ah, a senhora não tem nada melhor pra fazer? Como é, vai responder, ou não? (Tempo) Sim, compreendo, a senhora se identifica com a Mabel, sempre esperando... ele sai todas as noites? Que pilantra! Eu sei que foi o que a senhora disse no começo. A senhora se considera uma espectadora média? Não, isso é do meu trabalho, não misture as coisas. Média em que sentido? Ora, no sentido padrão. Ah, acima da média. (Tempo) Puxa, loira de olhos verdes? Noventa de busto? E quadris? (Tempo) Não, acho que até bonito, o quadril um pouco mais largo. (Tempo) Minha senhora, seu marido é um trouxa. Mas eu quero saber se a senhora, como espectadora acima da média, iria ao cinema e pagaria para ver esse filme. (Tempo) Ah, a senhora não sai... (Tempo) Vamos fazer o seguinte, Lurdinha, eu bato o ponto e corro praí, tá? Birita? Ah, eu levo uma caixa do Gin Capaldi, o gin que dedura sua personalidade. Você já ganhou, neném. (Recompõe-se, desliga telefone) E agora vamos para a parte final de *A Garota do Gangster*.

*Jingle, música, filme.*

## **ATO II**

### **CENA I**

*Telão. Casas de Mabel e Bob arruinadas. Vidros quebrados, pilhas de lixo, reboco caindo. Entra Bob fardado, manga vazia no braço direito. Toca campainha que não funciona, bate na porta de Mabel. A porta se abre e sai uma preta grávida com uma criança no colo.*

BOB – Boa tarde. (*Ela olha Bob sem responder*) A senhora deve estar estranhando a minha presença aqui.

ELA – Não senhor. Aquele vagabundo do George foi preso outra vez?

BOB – Não sei, minha senhora. Não conheço nenhum George.

ELA – Então é do aluguel? Porra, agora eles tão mandando até a polícia?

BOB – Eu não sou da polícia, minha senhora. Sou soldado. Acabo de voltar da guerra.

ELA – Que guerra?

BOB – A segunda.

ELA – Já? Que fim deu a primeira?

BOB – A primeira acabou. Aliás, a segunda também. Por isso eu estou aqui.

ELA – Então o senhor pode esperar que o George chega logo. Ele só sai das briga quando acaba.

BOB – Dona, eu não tenho nada a ver com o George.

ELA – Então o que o senhor veio fazer aqui? Polícia só vem aqui quando tá atrás do George.

BOB – Já disse que não sou da polícia, sou do Exército.

ELA – É tudo a mesma coisa. Quando não são os bandidos daqui mesmo vem os de fora encher o saco. Se não é do George que o senhor tá atrás, deve querer grana. E isso eu não tenho.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

BOB – Faz tempo que a senhora mora aqui?

ELA – Deixa ver... Esse daqui (*Aponta para a criança no colo*) ainda não tinha nascido. Ou tinha? Não, porque esse é do George. Acho que eu tava esperando a Sara... É, a Sara do Joe. Isso. Eu tava grávida da Sara do Joe... Quatro anos, sim senhor.

BOB – E quem morava aqui antes da senhora?

ELA – Morava uma moça que trabalhava...

BOB – Na fábrica de armamentos?

ELA – Que nada! Trabalhava em suadouro mesmo. E se engraçou com o Joe. Botei a pilantra pra fora no cacete.

BOB – E antes dessa?

ELA – Ninguém.

BOB – A casa tava vazia?

ELA – Não, moravam uns brancos. A gente só veio pra cá depois que a gente fina mudou e passou tudo pra mão daquele calhorda daquele mafioso.

BOB – E a senhora conhecia as pessoas brancas que moravam aqui?

ELA – Moço, nessa época eu nem tinha saído lá do sul. Eu só vim quando o Joe me falou que aqui era fácil ganhar dinheiro. Mentiroso nojento! Que o diabo se regale com sua alma.

BOB – Quer dizer que a senhora nunca ouviu falar de Mabel?

ELA – Quer dizer que o senhor tá aqui atrás de mulher? Mabel eu não conheço nenhuma, mas aqui tem a Loretta, a Jane, a Marpessa... Mulher aqui não falta, se bem que seja tudo piranha.

BOB – Mabel era uma moça que morava aqui quando eu também morava. Uma moça muito bonita, de cabelos castanhos, olhos tristes, pele branca, nariz afilado...

ELA – Ah, essas não tem aqui não. Aqui só tem mulher de dois dólares. Mas se o senhor tiver afim de coisa mais fina, tem de ir pro clube. Lá só tem puta fina, que toma

banho todo dia. Só aparece alguma por aqui quando elas pega doença, e o seu Ronnie dá o bilhete azul.

BOB – Seu Ronnie? Que Ronnie é esse?

ELA – Essa guerra bobou o senhor mesmo. O Ronnie Montilla, dono do Ron Montilla's Club. Dono desse pardieiro também. Onde tiver dinheiro sujo, você encontra Ronnie Montilla. Êpa... O senhor não é mesmo da polícia? Não vá me complicar.

BOB – Não, não. Não se preocupe. Onde é esse clube?

ELA – Na Rua Madison, o senhor logo vê os luminosos na descida do metrô.

BOB – Tá, muito obrigado, a senhora me ajudou muito. *(Dá dinheiro a ela)*

ELA – Abonado desse jeito, o senhor consegue até a cantora do clube.

## **CENA II**

*Sobe telão. Praticável com cortina na frente. Na cortina está pintado "R.M.'s CLUB". Na frente da cortina, piano. Uma cantora preta, cega, canta "Night And Day". Na frente do palco, mesas de bar e cadeiras. No canto, balcão de bar com banquetas. Atrás do balcão, Tony Concetta faz coqueteis com um misturador. Entra Bob.*

BOB – *(Vai até o balcão, meio intimidado)* Boa noite. Um guaraná, por favor. *(Tony vai até o outro extremo do bar, enche um capo e o faz deslizar até parar bem em frente de Bob)* O Ronnie Montilla está? *(Tony nega com a cabeça)* Sabe quando ele chega? *(Nova negativa)* Você é mudo?

CANTORA – *(Da banquetta do piano)* Aqui ninguém é pago pra falar, moço. Em boca fechada não entra mosquito. Nem cimento.

BOB – Eu só quero ver o Ronnie.

CANTORA – Eu não o vi hoje.

BOB – Mas ele não é dono daqui?

CANTORA – Ele também é dono de meia cidade e nem por isso vai nos lugares todos os dias. Ele não é Deus, se bem que pense que é.

BOB – Eu precisava muito falar com ele.

CANTORA – Garoto, ninguém precisa falar com Ronnie Montilla a não ser que esteja muito complicado. E, normalmente, nessas ocasiões é tarde demais pra conversar. Vá embora, vá. Vá comemorar a vitória e só volte aqui no fim da noite quando estiver bêbado. As meninas nem chegaram ainda.

BOB – A senhora não tá entendendo. Eu conheço o Ronnie desde criança. Tô voltando hoje da guerra e...

CANTORA – Ah, um herói. Mas você volta da guerra e já cai aqui? Tony, um brinde ao soldado desconhecido.

BOB – E o Ronnie?

CANTORA – O Ronnie? Com o bando de festas que vai ter hoje à noite, ele deve estar ocupadíssimo distribuindo mercadoria.

BOB – Mercadoria? Que tipo de mercadoria?

CANTORA – Confete, serpentina, bandeirinha americana, apito, né Tony?

*Reação de Tony.*

BOB – Mas não tem jeito de eu falar com ele? É muito urgente.

CANTORA – (*Levanta, vai até Bob e o abraça*) Mocinho, deixa eu te dar um abraço. Sim senhor, um amigo de infância de Ronnie! E eu nunca pensei que aquele bicho tivesse tido infância. Qual é, não quer me abraçar? Você tem preconceito?

BOB – Não, eu tenho um braço só.

CANTORA – Perdeu na guerra?

BOB – É. E agora, será que teria jeito de eu ver o Ronnie?

CANTORA – Tony, me liga pro escritório. (*Tony liga e ela pega o fone*) Alô? Olha, tem uma pessoa aqui pra ver o Ronnie. É, limpeza. Mando subir? OK. OK. Soldado, pode subir.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

*Sobe cortina. Escritório. Mesa com telefone. Arquivos com rótulos: CORRUPÇÃO, LENOCÍNIO, CHANTAGEM, SEQUESTRO, DROGAS, IMPOSTOS, ASSALTOS: a) TROMBADINHAS, b) MÃO ARMADA, c) BANCO. Sentada na mesa, de costas para o público e para Bob, Mabel, de cabelo comprido platinado, casaco de peles, sapatos salto nove em cima da mesa e piteira. Sobre a mesa, um revólver com cabo de madrepérola. Mabel conta notas de dólares e não se volta quando Bob entra.*

BOB – Boa noite, senhora.

MABEL – *(Acena com a cabeça)*

BOB – Eu queria falar com Ronnie, por favor.

MABEL – Ele saiu.

BOB – Mas é importante, eu fui amigo de infância dele e acabo de voltar da guerra.

MABEL – Lutou aonde, soldado?

BOB – Primeiro na Itália, depois no Havaí... Aí fui ferido e...

MABEL – *(Voltando-se lentamente na cadeira giratória)* Ferido no Hav... *(De frente para ele)* BOB!

BOB – MABEL!

*Correm e se abraçam, do salão vem a música: "I'm Getting Sentimental Over You".*

MABEL – E eu acreditando que você estivesse morto. Por que você não me escreveu, Bob, eu te esperei tanto!

BOB – Ah Mabel, se você soubesse. Em Pearl Harbor fui ferido na cabeça. Quando saí do hospital fui convocado para a luta na França. Escrevi para você, mas as cartas voltavam com o carimbo "Destinatário Desconhecido". Na França, durante a libertação de Paris, aconteceu isso *(Mostra a manga)*, e passei longos dias no hospital sem saber se devia voltar, sem saber de nada. Finalmente, quando a guerra estava quase acabando, vi que não poderia continuar vivendo sem, pelo menos, te ver mais uma vez. E voltei.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

MABEL – Eu quase morri. Lia todas as listas de prisioneiros nos jornais e você nunca estava nelas. Esperava ansiosamente alguma notícia. Quando seus pais se mudaram para a Califórnia, me disseram que era inútil eu continuar esperando. O tempo passou, andei perdida. Aí minha mãe caiu doente e eu tive de colocar meus irmãos num orfanato. Meu salário na fábrica não dava para sustentá-los. Voltei a trabalhar como enfermeira e, por causa de um médico que se engraçou comigo, acabei sendo despedida. Numa noite, em que eu vagava sem saber o que fazer, encontrei o Ronnie. Ele me deu emprego, pagou o hospital, depois o enterro de minha mãe e colocou meus irmãos num bom colégio. Aí, de pura gratidão, eu...

BOB – Você casou com ele!

MABEL – O que mais eu poderia fazer? O Ronnie ficou importante, começou a frequentar a sociedade, e precisava de uma mulher educada, que soubesse falar, receber, essas coisas, então eu... eu lhe devia tanto, e ele estava sendo tão bom comigo que eu não pude dizer não, e aí eu...

BOB – Você casou com ele, de papel e tudo!

MABEL – Não. Com tudo, mas sem papel.

BOB – Quer dizer que você não é a senhora Montilla?

MABEL – Oficialmente, não.

BOB – Mabel, quer dizer então que nós ainda temos uma chance?

MABEL – Você me aceita Bob, mesmo sabendo que eu... não sou mais a mesma que você deixou?

BOB – Eu também não sou o mesmo Mabel. E, no entanto, se você me quiser, mesmo aleijado...

MABEL – Oh, Bobbie!

*Beijam-se apaixonadamente. Enquanto isso, luz no bar. Ronnie e Shirley entram carregando malas de dinheiro. Estão muito alegres.*

SHIRLEY – *(Também está muito sofisticada, mas gênero mais puta do que Mabel)*  
Tony, venha cá. Leve essas malas pro cofre. Depois limpe o carro.

RONNIE – *(Para a Cantora)* Sally, a Mabel taí?

CANTORA – Sim senhor, e com visita pra você também.

RONNIE – *(Abre o paletó e verifica a arma debaixo do braço)* Que tipo de visita?

CANTORA – Fique frio chefeão. Só um soldadinho maneta.

RONNIE – Não. Outro duro atrás de morfina?

CANTORA – Não, diz que é seu amigo de infância. Tá lá em cima. Já faz um tempo.

RONNIE – Venha Shirley, vamos lá ver.

*Sobem.*

### **CENA III**

*Mabel retoca a maquilage. Bob examina os fichários. Entram Ronnie e Shirley.*

RONNIE – Mabel, que história é essa de amigo de infância?

BOB – Sou eu, Ronnie. Como vai? *(Estende sua única mão)*

SHIRLEY – Bob, o que você está fazendo aqui, vivo? Como você achou a gente?

BOB – Parece que não é difícil encontrar você em Chicago agora.

RONNIE – Bom, isso depende.

SHIRLEY – Mas que ruína você está, Bob.

BOB – Num outro sentido, você também me parece bastante arruinada.

SHIRLEY – Pelo menos nós conseguimos manter nossa ruína por dentro.

MABEL – Então um velho amigo volta da guerra, e tudo que vocês fazem é ofendê-lo?

RONNIE – O que foi, Mabel? Virou cívica agora? Verdade que temos que agradecer ao Bob. Essa guerra deu uma grana!

BOB – Quer dizer que você faz parte do pessoal que enriqueceu com a guerra?



RONNIE – Com muita honra! Eu sempre disse que pra vencer na vida tinha de ser esperto. Eu não nasci pra bucha de canhão. Aliás, a sua querida Mabel aproveitou bem também, né Mabel? Lembra dos bônus falsos?

MABEL – Será que mesmo depois de todo esse tempo vocês não podem conversar civilizadamente?

RONNIE – Civilização é substantivo abstrato, Mabel. Quando você vai entender isso? Afinal, Bob, o que você quer aqui? Eu estou muito ocupado.

*Bob tenta falar, mas Mabel o interrompe.*

MABEL – Ele só veio ver a gente, Ronnie. Estava na cidade, ouviu o nome do clube e veio. Só isso.

*Faz sinal para Bob ficar calado.*

SHIRLEY – Se divertiu muito na guerra, Bobinho?

BOB – Quem é você pra falar nisso? Pra pessoas como você, o mundo é uma selva. Você e da raça dos predadores, que não entendem ideal, solidariedade, amor, nada. Eu fui pra guerra para ajudar a construir o mundo, e não me arrependo.

SHIRLEY – Ajudar! Vocês eram os relutantes trabalhando para os incompetentes, com o objetivo de fazer o que era desnecessário para os mal-agraçados. Quem ganha com as guerras são os poderosos e os bandidos. Nós somos os bandidos, portanto nós ganhamos a guerra.

MABEL – Venha Bob, eu te acompanho até a porta. Não tem razão pra você ficar ouvindo isso. *(Puxa Bob até o bar)* Bob, volte à meia-noite. Já vai estar tudo resolvido.

BOB – Mabel, vamos embora. Eu não posso ver você aqui. O que uma garota como você está fazendo num lugar como esse?

MABEL – Eu tenho que acertar umas coisas antes de ir embora. Confie em mim Bob. Eu te espero aqui. *(Bob sai e Mabel volta ao escritório)* Ronnie, eu preciso conversar com você. Da pra você sair, Shirley?

SHIRLEY – Não é porque você pediu. Eu já estava saindo mesmo.

RONNIE – Shirley, eu ainda estou na dúvida. Acho que seria melhor eu mesmo ir. É muito perigoso.

SHIRLEY – Então você não confia em mim? Já fiz piores. Ou você está preocupado comigo?

RONNIE – Eu só não quero que você marque. Tem muita grana envolvida.

SHIRLEY – Não vai ser a primeira que eu ganho pra você.

MABEL – Ronnie, você não me ouviu?

SHIRLEY – Madame tem pressa? *(Abre o casaco de Ronnie e tira a arma)* Só por precaução, vou levar essa também.

MABEL – E então, Ronnie?

*Shirley olha feio para Mabel e continua o movimento, abraçando Ronnie e beijando-o, apaixonadamente.*

SHIRLEY – Até mais tarde, Ronnie. *(Sai)*

#### **CENA IV**

*Ronnie tira o paletó, gravata, camisa, e fica de camiseta, suspensório e cartucheira. Acende um charuto e senta-se à escrivaninha.*

RONNIE – Bom neném, despeje logo que eu vou trabalhar.

MABEL – *(Retocando o batom)* Eu estive pensando sobre nós dois. Ou melhor, sobre nós três.

RONNIE – Não me faça perder a paciência. Estou muito bem humorado e muito ocupado para me preocupar com os ciúmes de vocês garotas.

MABEL – Não se trata de ciúmes nesse caso.

RONNIE – Ainda bem. Você conhece a Shirley o suficiente para saber que ela faz certas coisas só pra te provocar mesmo.

MABEL – Eu acho que não Ronnie. Ela gosta mesmo de você, tá na cara.

RONNIE – E eu dela. Isso não vem ao caso.

MABEL – Claro Ronnie. Todo mundo é capaz de amar várias pessoas ao mesmo tempo.

RONNIE – Claro querida, concordo. Desde que isso não passe pela tua cabecinha.

MABEL – Não, não passa... Ronnie, sabe que desde que eu entrei aqui, eu sinto que estou ocupando um lugar que não é meu?

RONNIE – Bem Mabel, eu já cansei de dizer que eu preferia que você ficasse em casa.

MABEL – Deus me livre, depois do trabalho que eu tive pra organizar esses fichários? Passo um dia sem vir aqui, e isso vira bagunça. Depois, não tenho nada pra fazer em casa.

RONNIE – Claro que tem. Você devia ficar tomando banho e se perfumando pra estar bonita quando eu chegasse. E depois, não me agrada ver você metida com essa gente que vem aqui. Eu tava pra te falar isso já faz um tempo. Você não concorda?

MABEL – Seria ótimo pra você, não? Eu em casa, e a Shirley aqui.

RONNIE – Sim, no melhor estilo da família americana. Meu pai, por exemplo, só aparecia em casa nas segundas.

MABEL – Seu pai não era americano, Ronnie.

RONNIE – Tá bem, tá bem... como os latino-americanos então. Mabel, eu tenho a impressão que nós já falamos disso tantas vezes... Me vê um uisquinho, tá?

MABEL – E a sua pressão?

RONNIE – Não me perturbe... e são duas pedras.

MABEL – Bem, se você faz questão de se envenenar... (*Serve Ronnie*)

RONNIE – Eu disse duas pedras. Quero uma bebida, não um refresco.

MABEL – Eu nunca faço as coisas do seu gosto, não é?

RONNIE – Talvez você bote um pouco de gelo demais em tudo. Ontem à noite, por exemplo...

MABEL – Eu não quero discutir isso.

RONNIE – O que você quer discutir então? Aliás, até agora, não chegamos a nada. Se você tem algum problema com a Shirley discuta com ela quando ela voltar... Ah, não, quando ela voltar nós temos outros assuntos.

MABEL – Sem gelo, eu presumo.

RONNIE – Puxa Mabel. Será possível que esses anos todos não tenham te ensinado nada sobre mim? Eu sou assim mesmo, não vou mudar nunca, te falei isso antes de você mudar lá pra casa. Na época parece que você entendeu. Depois começou a se meter na minha vida, a se imiscuir nos meus negócios, implicar com a Shirley. Você pra mim tem de ser algo à parte. Ficar longe da sujeira.

MABEL – E aquela noite com o chefe de polícia, tava muito longe da sujeira?

RONNIE – E eu tenho culpa se cismou com você? E depois, só aconteceu porque você estava aqui. Eu nunca teria levado aquele porco lá pra casa.

MABEL – E a festinha para aquele senador de New York? Aquilo foi lá em casa. E o alcaguete que eu atropeliei, não foi em frente de casa? Sem contar as fotos com o juiz do Supremo.

RONNIE – Com esse, você não fez nada!

MABEL – Mas fui pro Hotel, tirei a roupa, virei a luz pro espelho falso. Ah Ronnie, que jeito bonito que você tem de me manter fora da sujeira!

RONNIE – Bom Mabel, mas isso faz parte da vida de qualquer grã-fina. Você não viu as barras que a Shirley teve de enfrentar? Pra ela não sobrou senador.

MABEL – Mesmo assim Ronnie. Isso não é vida pra mim. Eu sei que nasci pra outras coisas. Eu quero uma vida limpa, decente.

RONNIE – Mabel, deixe de bobagem. Não fosse por mim, você estaria batendo calçada. Eu te salvei de destino bem pior. (*Toca telefone*) Alô? Diga aí gatinha. Tudo em ordem? Ainda não chegaram? Olha, você ainda tem meia hora, aguenta firme. Não, fique aí mesmo, não entre em bar nenhum. (*Desliga*)

MABEL – Ronnie, eu quero ir pra Califórnia.

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

RONNIE – Olha aí, uma boa ideia. Resolvendo essa transa que a Shirley tá fazendo, a gente vai ficar com uma boa grana. Podemos viajar, tomar sol, chupar laranja. E eu posso até fazer uns contatos por lá. Boa ideia, meu anjo.

MABEL – Mas eu quero viajar sozinha.

RONNIE – Sozinha?

MABEL – É. Eu quero a minha parte dos negócios em dinheiro.

RONNIE – Que história é essa da sua parte?

MABEL – A parte que eu te ajudei a ganhar.

RONNIE – Mabel você era uma enfermeirinha vagabunda e eu já era dono desse clube.

MABEL – Mas se você manteve isso foi porque eu te quebrei muito galho.

RONNIE – E você não aproveitou, não?

MABEL – Tá bom, tá bom... Aproveitei, e agora quero sair.

RONNIE – Minha querida, isso não é uma padaria. Ninguém se aposenta vivo.

MABEL – Puxa Ronnie, eu sumo, vou embora. Será que você não confia em mim?

RONNIE – Benzinho, eu só cheguei aqui porque nunca confiei em ninguém. E fiz bem. Agora, vem você e me diz que quer a sua parte. O que é meu é seu,

boneca, mas aqui, debaixo da asa do titio Ronnie. Não brinque com fogo, mocinha.

MABEL – Então tá legal... só vou levar as minhas joias.

RONNIE – Olhe, não me force a nada, Mabel. E me vê outro uísque.

MABEL – *(Pega o uísque)* Pronto, pronto, só uma pedra.

RONNIE – Agora meu amor, vamos esquecer tudo, tá? Não tente mais bancar a espertinha, você não conhece o seu Ronnie tão bem quanto pensa.

*Faz Mabel sentar no seu colo. Ela atira-lhe o uísque no rosto. Ele levanta, segurando-a pelo braço e vai lhe bater quando toca o telefone. Atende, sem soltar o braço de Mabel.*

RONNIE – Alô?

SHIRLEY – (*Voz off*) Alô, Ronnie? Olha, eles chegaram, foi tudo hem, estou com o pacote aqui. Só que tem um carro estranho rondando a cabine telefônica. Ih, tá parando, Ronnie, um cara tá saindo com uma...

*Som de tiros de metralhadora. Silêncio.*

RONNIE – Meu Deus, apagaram a Shirley

MABEL – (*Corre para a mesa, apanha o revólver, aponta para Ronnie e junta o dinheiro sobre a mesa*) Ronnie, não tente me deter. Eu vou embora. Eu tenho que ir embora hoje.

RONNIE – Não se faça de engraçada, Mabel. Mudou tudo. A Shirley tá morta. Me dá essa arma. Você ficou louca?

MABEL – Eu vou nem que tenha de matar você, Ronnie.

*Ronnie avança em direção a Mabel ao mesmo tempo que procura o revólver e verifica que a cartucheira do seu peito está vazia. Agarra Mabel, o dinheiro se esparrama e eles entram em luta corporal. O revólver dispara e Ronnie leva a mão ao peito.*

RONNIE – Claro. Bob Carola voltou. Agora eu entendo. (*Cai morto*)

*Mabel faz todos os movimentos clássicos, olha pro revólver e pra Ronnie, etc. Começa a recolher o dinheiro. Coloca o revólver sobre a mesa. A porta se abre e entra Shirley, ensanguentada.*

SHIRLEY – Mabel, cadê o Ronnie? (*Vê Ronnie caído*) Ah, você tá aí, meu amor... (*Mostra um pacote pardo ao cadáver*) Olhe Ronnie, meu amor, eu consegui. Estamos ricos. Eles pensaram que eu estivesse morta, mas eu enganei eles Ronnie. Eu trouxe a muamba pra você. Só que eu estou muito cansada, Ronnie querido. Você não tá orgulhoso de mim? Fale comigo Ronnie, vamos celebrar. Levanta daí Ronnie. Acho que nós dois estamos precisando de um trago. Mabel, veja aí um uisquinho... Nossa, não tô nem enxergando direito. (*Passa a mão pelo peito de Ronnie*) Nossa, querido, te sujei todo de sangue. É. Eles me furaram bastante. Acho que vou descansar um pouco, Ronnie. (*Morre*)

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

*Toca o telefone, o filme é interrompido. Alguns momentos de tensão, até que o ator que interpreta Bob sai do bastidor e atende.*

ATOR – Alô. Sim, sim, é da *Sessão Vagalume*, mas a hora dos prêmios já acabou. (*Tempo*) Colonialismo cultural? Abuso da paciência do telespectador? (*Tempo*) Ah, então você acha que eles estão mandando o lixo deles pra gente? Acho até que você tem razão. É, realmente não tem nada a ver com nada esse filme, mas você sabe, filme do Paul Newman custa uma nota, não dá pra passar de madrugada. Ah, você acha que o Paul Newman também é lixo? (*Tempo*) Ah, vá, tem uns filmes americanos até que bons. (*Tempo*) Sim, eu concordo que eles estão roubando nosso espaço cultural, mas você tem que ver que esse filme deu emprego a vários dubladores, e as cópias foram feitas aqui. (*Tempo*) Sim, tem razão, a cópia é ruim. Peraí, isso é censura? Você, por acaso, está falando de Santana? (*Tempo*) Campinas? Indústria Cultural? Ah, uma tese de mestrado, mas que bacana! (*Tempo*) Então você acha que a gente devia mostrar uma coisa recente? *Serve Vietnã*? Temos uma cópia dos *Boinas Verdes*, com John Wayne ou, se preferir, tem aquela da vida do Che Guevara com o Omar Shariff. (*Tempo*) Pare de gritar, boca-suja! Se isso não fosse televisão e não entrasse em todos os lares você ia ver o que eu te respondia. Quer saber, eu vou desligar e nós vamos passar o filme até o fim. Isso é repressão. (*Tempo*) Tá, tá legal, você me xinga de inocente útil, eu te xingo de comunista e tudo bem, falou? (*Tempo*) Tchau. (*Tempo*) Companheiro é a puta que te pariu!

*Bate o telefone, escurece, entra*

VOZ OFF – Estivemos fora do ar por motivos técnicos. Continuem assistindo à nossa *Sessão Vagalume*.

*Jingle, música, filme até o fim.*

### **CENA V**

*Som off de badaladas de relógio. Meia-noite. A cantora, no bar canta “Speak Low”. A luz sobe em Mabel, que está vestida de noiva com um véu bem comprido, calçando sandálias brancas. O bar está à meia-luz. Chega Bob, já sem uniforme, com uma*

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

*maleta. Atravessa o palco, para no balcão para perguntar algo a Tony Concetta e sobe. Mabel corre para abraçá-lo, com uma sandália na mão, e tropeça nos corpos. Nem liga.*

MABEL – Até que enfim você chegou, meu amor. Tive alguns imprevistos, vamos ter de sair mais depressa do que eu pensava para as coisas se aquietarem. Aí pensei que podemos nos casar já. Achei o vestido que tinha guardado há dez anos. Ainda é bonito, não? Meio fora de moda, é verdade, mas afinal eu não sou mais aquela garotinha fútil que se preocupava com moda. Já liguei para o aeroporto, vamos para Las Vegas, os casamentos são mais rápidos lá. Aí na volta mudamos o nome do clube e reabrimos em outro estilo. *(Pega o telefone)* Tony? Já estou de saída. Por favor, venha dar um jeito nessa desordem, traga o cimento, OK? *(Para Bob)* Amor, recolha esse dinheiro, vamos precisar de trocado, pro resto eu tenho *traveller's checks*. *(Vai se afastando, tropeça de novo em Ronnie e Shirley, equilibra-se)* Veja, estou bonita?

BOB – O que é isso?

MABEL – Meu vestido de noiva, já disse. Eu sempre quis usar um. Vamos ter um casamento ultrarromântico.

BOB – Não. Isso. *(Aponta os corpos)*

MABEL – Ah, isso? Eu posso explicar tudo no avião. Não dá tempo agora.

BOB – Mas eles estão...

MABEL – Mortos? Claro. Ou você acha que eu iria deixá-los sem socorro se estivessem vivos?

BOB – Você matou os dois?

MABEL – *(Escandalizada)* Eu? Não, é claro. Só o Ronnie. A Shirley já chegou quase assim. Coitada! De uma certa forma, ela morreu por amor. Por falar nisso, aonde estará... Ah, aqui. Bote isso na sua mala, eles não vão revistar um ex-combatente sem braço. *(Pega o pacote que Shirley trouxera, sopesa-o)* Puxa, isso vai nos dar muita autonomia de voo.

BOB – Mas o que é isso?

MABEL – Neve, bem. Feliz Natal.



BOB – Neve? Você quer dizer... cocaína?

MABEL – Precisamente. Melhor que ouro em pó. É mais fácil de transar.

*Entra Tony Concetta, com um balde, espátula de pedreiro e começa a moldar cimento nos pés dos mortos. Ele continua fazendo isso até o fim da cena.*

BOB – Espera aí Mabel. Você matou mesmo o Ronnie?

MABEL – Pois é, matei...

BOB – Mas como?

MABEL – De tiro. (*Vendo a expressão escandalizada de Bob*) Eu não ia fazer isso, é claro, mas, de repente, vi que seria impossível sair daqui de outro jeito. Coitado do Ronnie, mas ele pediu por isso. É uma pena. E, na verdade, isso livra a gente de muita complicação. Agora, a Shirley morrer, foi pura sorte.

BOB – Sorte?

MABEL – É. Porque se ela ficasse viva e o Ronnie morto, ela não nos daria mais sossego. E agora, o clube é só meu. Aliás, nosso.

BOB – Quer dizer então que você pretende continuar com isso aqui?

MABEL – Não, eu pretendo fazer algumas mudanças. Eu já havia dito ao Ronnie que prostituição é um negócio falido. Nós vamos passar a operar só com drogas. É o negócio do futuro.

BOB – Mas... e a polícia?

MABEL – Ah, isso eu tenho de dizer em favor do Ronnie. Ele nunca atrasou um pagamento.

BOB – É mesmo a Mabel Martin que eu conheci quem está falando?

MABEL – Não. É a Mabel O'Casey. Aliás essa mudança de nome vem em boa hora. (*Abraça Bob*) Ah Bob, finalmente tudo vai acontecer do jeito que eu sempre sonhei.

BOB – Mabel, você é uma assassina.

MABEL – Eu? Imagine. É muito difícil alguém passar tantos anos nesse negócio com tão poucas mortes como eu.

BOB – Mortes? Quer dizer que o Ronnie não foi o primeiro?

MABEL – Ué, e você não matou gente na guerra também?

BOB – Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu matei nazistas.

MABEL – Bom, acho que nazista nenhum deles era, mas eram coisa bem pior, eu lhe garanto.

BOB – Você tá em estado de choque.

MABEL – A única vez que eu fiquei em estado de choque na minha vida foi quando recebi o telegrama que dava você como desaparecido. Eu nunca estive mais lúcida que hoje.

BOB – Você tá querendo construir a sua felicidade sobre um monte de cadáveres.

MABEL – Cada um constrói sua felicidade como pode. Eu fiz isso por você, Bob.

BOB – Eu não quero assim Mabel. Eu não quero o seu Clube, eu não quero o seu dinheiro, e não quero você fugindo da lei.

MABEL – Eu, fugindo da lei? Ora Bob. Diga antes nós. Por que você vem comigo, não vem?

BOB – Eu lhe digo o que nós vamos fazer agora. Você vai pegar esse telefone e ligar para a polícia e se entregar. Não. Eu ligo pra polícia e aí você se livra do flagrante. Você tem muitos atenuantes, pode alegar legítima defesa. Eu também estou achando que você não está sendo completamente responsável por seus atos. Isso tudo, acrescido do fato de você ter sido corrompida pelo Ronnie quando ainda era menor, pode lhe dar, no máximo, dez anos. Com bom comportamento, cinco. Eu espero você, Mabel.

MABEL – Eu odeio esse verbo: esperar. Você não pode estar falando sério.

BOB – Claro que estou. Eu sou advogado, lembra?

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

MABEL – Mas isso é impossível. Bob. Nada impede a gente de fugir agora. O Tony aí é de confiança, a cantora é cega, não temos testemunhas. Vão pensar que foi um acerto de contas entre quadrilhas. Nós estamos limpos.

BOB – Você sabe que eu não poderia viver desse jeito. Eu lutei numa guerra pra viver honestamente.

MABEL – Você está nervoso agora Bob, mas isso passa. A culpa toda é do Ronnie. Ele bem que podia ter dado a minha parte sem chiar.

BOB – Você poderia ter saído sem nada Mabel. Eu daria uma vida decente pra você.

MABEL – Que vida decente, que nada Bob. A vida decente nunca me deu nada de bom. O mundo é dos espertos, meu querido Bob. Eu fiquei esperta, e agora vou lhe ensinar. Nós seremos tão felizes, eu prometo que seremos tão felizes que você vai se lembrar dessa noite como se fosse apenas um pesadelo.

BOB – Se entregue pra polícia, Mabel.

MABEL – Eu tenho medo da polícia, Bob. Eu conheço intimamente a polícia. Estou no mesmo ramo deles. E eu juro, a polícia me apavora mais do que vinte Ronnies.

BOB – “Então primeiro deixe-me assegurar minha firme convicção que a única coisa que temos a temer é o próprio medo – inominável, irrazoável, injustificado terror que paralisa os esforços necessários para converter recuo em avanço.”

MABEL – *(Ri)* Mas isso é uma citação.

BOB – É. Do maior homem que esse país já teve

MABEL – Pois é, mas enquanto você cultuava o Roosevelt, eu aprendia a verdadeira história dos Estados Unidos. Bob, como você é idealista, como você é sonhador, como você é bobo!

BOB – Você disse que fez tudo isso por mim. Faça uma última coisa. Se arrependa. Eu sei que, no fundo, você não é essa mulher horrível que você tá representando. Por favor, Mabel. Por mim. *(Pega o telefone)*

MABEL – O que você tá fazendo?

## A GAROTA DO GANGSTER OU UM FILME CLASSE B

TEXTO DE ZECA CAPELLINI E CLAUDIA DALLA VERDE

BOB – *(Disca)* Alô, telefonista? Ligue-me com a polícia. *(Coloca o fone no gancho)*

Você ainda vai me agradecer por isso, Mabel.

MABEL – Cancele essa ligação.

BOB – Eu espero você Mabel, o quanto for preciso. Eu vou estar do seu lado, sempre.

*Toca o telefone.*

MABEL – *(Pegando o revólver)* Não atenda, Bob.

*Bob põe a mão no fone. Mabel atira, ele cai. O telefone continua tocando. Mabel atende.*

MABEL – Alô? Não, não foi daqui não. Deve ter sido engano. De nada. *(Olha em volta e começa a tirar o vestido de noiva)* Ainda tem cimento aí Tony? *(Tony acena que sim. Mabel limpa o revólver com o véu)* Então livre-se desse também.

*Tony acaba o serviço e retira os três corpos. Enquanto isso, Mabel fuma um cigarro e bebe uma dose de uísque. Duas pedras. Quando Tony está saindo com o último corpo – o de Bob – ela diz.*

MABEL – Espere. *(Vai até ele, olha para Bob e alisa o rosto de Tony)* Quando você voltar do cais, prepare uma maleta e venha me buscar. Vamos para Las Vegas.

*Tony sai e Mabel senta na escrivaninha. Luz cresce na cantora que canta “True Love”.*

**THE END**

---

### Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem deste texto, seja profissional ou amadora, requer a autorização do autor, da família ou da entidade detentora dos direitos autorais.

Contato dos Autores:

Cláudia Dalla Verde: [cdallaverde@gmail.com](mailto:cdallaverde@gmail.com)

Zeca Capellini: [zecapellini@gmail.com](mailto:zecapellini@gmail.com)

Contato CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)